

# ***Gesta Grayorum* e a formação do pensamento utópico de Francis Bacon: apresentação e tradução**

## **Versão bilíngue**

*Helvio Moraes*

Universidade do Estado de Mato Grosso

### **Resumo**

Parece-me um equívoco supor que Francis Bacon abraça o utopismo somente em sua fase de maturidade, com a escrita da *Nova Atlântida*, um de seus últimos textos, publicado postumamente em 1627. De fato, os temas centrais de seu pensamento podem ser identificados já nos seus textos de juventude, tendo como um dos fulcros sua notória defesa de uma ampla reforma do conhecimento. Neste artigo, busco perceber como alguns elementos, presentes não apenas em sua utopia, mas também em seu pensamento político, já se mostram no horizonte vislumbrado pelo então jovem advogado, no último decênio do século XVI, em um pequeno texto que lhe é atribuído e que, jocosamente, vale-se do gênero literário dos espelhos de príncipes para apresentar, a um fictício monarca, diferentes opiniões sobre os mais elevados fins de um Estado.

### **Palavras-chave**

Utopia, espelho de príncipes, filosofia política, Francis Bacon.

*Helvio Moraes* é professor de Literatura na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. É membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PPGEL/UNEMAT. É co-editor da revista *Morus – Utopia e Renascimento* e membro do U-topos – Centro de Pesquisas sobre a Utopia, junto à Universidade Estadual de Campinas. Atualmente, coordena o projeto de pesquisa “A razão, a Vontade, a Ação: um estudo sobre a utopia inglesa do século XVII”, com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Tem publicado artigos sobre os temas da utopia, da *ars historica* renascentista, da ficção científica, entre outros, tendo por base principalmente as obras de Francesco Patrizi da Cherso, Francis Bacon e E. M. Forster.

***Gesta Grayorum* and the formation of Francis Bacon's  
utopian thought: an introduction and translation  
Bilingual version**

*Helvio Moraes*

Universidade do Estado de Mato Grosso

**Abstract**

It seems to me a mistake to hold that Francis Bacon embraces utopianism only in his maturity, with the writing of *New Atlantis*, one of his last texts, published posthumously in 1627. In fact, the central themes of his thought may be identified in his earlier texts, having his notorious defense of a comprehensive reform of knowledge as one of its bases. In this article, I try to understand how some elements present not only in his utopia, but also in his political thought, already show themselves on the horizon envisioned by the then young lawyer in the last decade of the 16th century, in a small text attributed to him, which, jokingly, draws on the literary genre of the mirrors for princes to present, before a fictitious monarch, different opinions on the higher ends of a State.

**Palavras-chave**

Utopia, mirrors for princes, political philosophy, Francis Bacon.

*Helvio Moraes* teaches Literature at the Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. He is a permanent member of the Postgraduate Program in Literary Studies - PPGEL / UNEMAT. He is co-editor of the journal *Morus - Utopia e Renascimento* and a member of U-topos -Centro de Pesquisas sobre a Utopia, at the Universidade Estadual de Campinas. Currently, he coordinates the research project "Reason, Will, Action: a study of the English utopia of the 17th century", with the financial support from the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. He has published articles on the themes of utopia, the *ars* historica, science fiction literature, among others, based mainly on the works of Francesco Patrizi da Cherso, Francis Bacon and E. M. Forster.



parece-me um equívoco supor que Francis Bacon abraça o utopismo somente em sua fase de maturidade, com a escrita da *Nova Atlântida*, um de seus últimos textos, publicado postumamente em 1627. De fato, os temas centrais de seu pensamento podem ser identificados já nos seus textos de juventude, tendo como um dos fulcros sua notória defesa de uma ampla reforma do conhecimento. Neste artigo, busco perceber como alguns elementos, presentes não apenas em sua utopia, mas também em seu pensamento político, já se mostram no horizonte vislumbrado pelo então jovem advogado, no último decênio do século XVI, em um pequeno texto que lhe é atribuído e que, jocosamente, vale-se do gênero literário dos espelhos de príncipes para apresentar, a um fictício monarca, diferentes opiniões sobre os mais elevados fins de um Estado<sup>1</sup>.

Durante as festividades natalinas de 1594, em Gray's Inn, onde há quinze anos Bacon havia se estabelecido, uma pequena *masque*<sup>2</sup> foi representada diante de uma ilustre audiência, em meio à qual se destacavam as presenças do Lorde Guardião (na época, William Cecil, tio materno do filósofo), do Lorde Tesoureiro, do Vice-Camareiro e, segundo algumas fontes, da própria rainha<sup>3</sup>. Além disso, não era, de fato, uma noite comum, uma vez que se solicitava, aos membros de Gray's Inn, o resgate da honra maculada por uma anterior “noite de erros”, possível alusão a uma malograda apresentação da *Comédia dos Erros*, de Shakespeare. Neste pequeno excursus dramaturgico, que veio a ser conhecido como *Gesta Grayorum* (*Façanhas de Gray's Inn*), seis conselheiros são escolhidos pelo príncipe, com a finalidade de consultar-se, “não sobre uma ação particular de nosso Estado, mas, em geral, sobre o alcance e o fim aos quais julgais que nosso governo deva, ao máximo, propender e se direcionar, para a nossa honra e para a felicidade de nosso Estado” (Bacon, VIII, p. 332). Cada um oferece um conselho diverso – e é interessante

---

<sup>1</sup> Este artigo apresenta resultados de pesquisa realizada com o apoio do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. As citações dos textos de Bacon, em língua inglesa, têm como referência o volume e a página da edição estabelecida por Spedding, Ellis e Heath (*The Works of Francis Bacon*. Spedding, J., Ellis, R. & Heath, D. (ed.). 14 vols. London: Longman, 1857-74). As traduções, salvo indicação específica, foram feitas por mim. Sou muito grato à cuidadosa leitura e às inestimáveis sugestões feitas pela professora Ana Cláudia Romano Ribeiro.

<sup>2</sup> Tipo de entretenimento teatral de curta duração, que era apresentado principalmente na corte inglesa, durante os séculos XVI e XVII.

<sup>3</sup> O relato mais completo que conheço de tais festividades, que duraram vários dias, adentrando o mês de janeiro de 1595, é fornecido por Spedding em *Works* (VIII, p. 342). Nele, não me parece haver alusão à presença da rainha durante as festividades. No entanto, ela nos é atestada por Sargent (1996, p. 148) e Summit (2008, p. 201). O relato também nos traz informações relevantes sobre as circunstâncias desta publicação póstuma e de autoria presumida. Quanto a esta questão, Spedding não demonstra ter dúvidas de que seja um autêntico escrito baconiano (Bacon, VIII, 342). São concordantes com Spedding as opiniões de Peltonen (1996, p. 4), Sargent (1996, p. 148) e Vickers (em Bacon, 2002, p. 532).

perceber como tais conselhos refletem, desde já, preocupações centrais do autor (a deflagração de guerras, o estudo da filosofia, a construção de instituições públicas, entre outras) –, tendo o último a função de restabelecer a atmosfera jocosa da cerimônia, aconselhando-o a dedicar-se aos “passatempos e ao desporto”.

Levando-se em consideração seu pensamento utópico, mais claramente manifesto na *Nova Atlântida*, a fala mais interessante é a do segundo conselheiro, que leio como uma sugestão indireta feita pelo autor à rainha, para a criação de quatro instituições concernentes à reforma do conhecimento:

Em primeiro lugar, o acervo de uma biblioteca, a mais perfeita e geral, em que tudo o que a inteligência do homem até hoje confiou aos livros de valor, sejam eles antigos ou modernos, impressos ou manuscritos, europeus ou de outras partes, em uma ou em outra língua, possa servir de auxílio a Sua sabedoria. Em seguida, um espaçoso, maravilhoso jardim, no qual toda planta que cresça sob o sol de diversos climas, que brote de diversos tipos de solo, seja ela selvagem ou pela cultura do homem trazida à luz, possa ser colocada e zelada, com atenção ao bom modo de fazê-la se desenvolver. Este jardim deve ser construído em torno a câmaras destinadas a abrigar todos os animais raros e todas as espécies raras de aves; com dois lagos adjacentes, um de água doce, outro, de água salgada, para todas as espécies de peixes. E, assim, Vossa Alteza poderá ter, em um pequeno espaço, o modelo da natureza universal, de modo privado. O terceiro, um enorme gabinete, em que deve ser classificado e incluído tudo o que a mão do homem, com arte requintada ou com o auxílio da máquina, realizou de raro, seja na matéria, na forma ou no movimento; qualquer singularidade que o acaso ou o embaralhar das coisas produziu; tudo o que a natureza operou nas coisas que carecem de vida e que podem ser conservadas. O quarto, uma casa de destilação, bem provida de moinhos, instrumentos, fornos e vasos, como deve ser um palácio digno de uma pedra filosofal (Bacon, VIII, p. 335).

Deste modo, uma enorme biblioteca, um jardim botânico e zoológico, um museu para conservar todas as coisas feitas com arte e técnica, e um grande laboratório, criações que muito se assemelham àquelas mencionadas na parte final de sua utopia.

Entre os estudiosos, esta é praticamente a única passagem evocada deste escrito quando buscam estabelecer uma relação com a *Nova Atlântida*, em grande parte para constatar que a gênese de seu projeto de reforma do conhecimento, ou mesmo uma articulação relativamente avançada de partes que o compõem, remontam a seus anos de juventude<sup>4</sup>. Creio, porém, que, principalmente

---

<sup>4</sup> O próprio Spedding afirma ter encontrado nesta peça uma das muito poucas datas precisas pelas quais se pode mensurar o progresso das especulações filosóficas de Bacon nestes anos juvenis (Bacon, VIII, p. 343).

para o estudioso da literatura utópica, este opúsculo tem muito mais a dizer, não só por várias ideias que esboça, mas porque pertence claramente a um gênero que muito se aproxima da utopia, o espelho de príncipes. As circunstâncias nas quais (e para as quais) ele parece ter sido redigido, podem ter dado motivo a certa depreciação, ou negligência, como se uma rígida distinção entre textos escritos “in sport” ou “in earnest” – como a que Spedding faz – fosse um critério fundamental para a avaliação de um texto literário. A história literária nos fornece inúmeros exemplos de textos classificados como menores ou mesmo condenados ao ostracismo por terem uma origem no lúdico, e disto basta o tratamento que as poéticas clássicas (e não somente as clássicas) dispensam ao cômico e ao trágico para nos convencer. De fato, o texto, destacado do conjunto em que está inserido, me parece um belo exemplo de prosa teatral, em nada devendo ao que melhor produziu a tradição dos *interludes* ingleses. Em meio ao clima festivo, à simulação de toda uma corte e seu aparato, e diante do último conselho, jocoso e irônico, para que o príncipe se dedique tão somente a um tipo de hedonismo egocêntrico e vulgar, diversos temas são apresentados e abordados “in earnest”, em total conformidade com o clássico dispositivo do *castigat ridendo mores*.

Skinner (1999) dedicou importantes páginas ao estudo dos espelhos de príncipes, mostrando que surgem como uma ampliação da *Ars Dictaminis* medieval, com seus autores assumindo diretamente o papel de conselheiros naturais dos governantes. Enfatiza, também, que “a principal via pela qual esses primeiros livros de conselhos contribuíram a fixar um padrão para a literatura posterior dos ‘espelhos dos príncipes’ esteve na ênfase que colocaram na questão de quais virtudes deveria possuir um bom governante” (Skinner, 1999, p. 55).

Ainda na fase tardia do Renascimento, os autores continuam a se inspirar “nas atitudes e valores definidos pelos humanistas ‘cívicos’ de começos do século XV”: “O seu herói era ainda o *vir virtutis*, e eles continuavam insistindo em que a ambição mais adequada a uma personalidade heroica consistia em almejar o mais elevado grau de honra, glória e fama”<sup>5</sup> (idem, p. 139). O que parece distinguir tais textos nos séculos subsequentes, principalmente após o surgimento de *O Príncipe* de Maquiavel, além de uma visão mais realista das circunstâncias, é o deslocamento do foco principal, da figura do governante e suas qualidades pessoais para a sua ação política, como o estudioso percebe em Castiglione, que faz um dos interlocutores de seus diálogos afirmar que “o verdadeiro ofício de um bom governante” deve consistir em “ordenar seu povo segundo as leis e

---

<sup>5</sup> Skinner cita o estudo de Kontos, “Success and Knowledge in Machiavelli” in Parel, *The Political Calculus: Essays on Machiavelli's Philosophy* (1972, p. 83-8) como base para esta consideração que faz.

decretos que o faça viver em conforto e paz” e “gozar com toda a dignidade” de uma condição de serenidade que nada virá perturbar” (idem, p. 144).

Havia pouco mais de dez anos, Bacon iniciara seus primeiros ensaios na prática do conselho, algo que, no futuro, seria recorrente em sua carreira de homem público, uma experiência que, de certa forma, vivera desde muito cedo em sua própria casa, como filho de uma figura iminente da corte inglesa<sup>6</sup>. De fato, o primeiro escrito cuja autoria lhe pode ser atribuída com segurança é *A Letter of Advice to Queen Elizabeth* (c. 1584), em que aborda justamente a questão de como garantir de forma duradoura a felicidade do Estado, após a ameaça católica da malfadada conspiração de Throckmorton, em 1583. Saber conter as facções internas, fragilizar os católicos e resguardar-se dos inimigos externos são os conselhos principais que oferece.

Como vimos, o ponto de partida das *Gesta Grayorum* é também a busca de conselhos tendo em vista a felicidade do Estado, assim como a honra do príncipe, os dois pontos principais observados por Skinner como característicos do gênero, ainda que o primeiro seja enfatizado pelo príncipe, como se o segundo dele dependesse: “[...] nós, no desejo de deixar tão pouco o quanto possa ao acaso ou ao humor, vos damos agora liberdade e permissão para definir diante de nós, para que porto, por assim dizer, o navio do nosso governo deve ser orientado” (Bacon, VIII, p. 332). Este estreito vínculo entre o ser pessoal do rei e sua imagem como representação do Estado – não como entidades distintas – torna-se mais claro, principalmente no contexto da Inglaterra Tudor e Stuart, quando se leva em consideração a doutrina dos “dois corpos do rei”. Segundo tal doutrina, o rei possui dois corpos: um natural e mortal, e outro político, mais amplo, perfeito e imortal. Ambos formam uma unidade indivisível, embora exista uma relação de superioridade do corpo político sobre o natural (Kantorowicz, 1998, p. 23). Este pode revelar-se frágil e imperfeito, mas é corrigido pelo corpo maior que o abarca. Base de grande parte do sistema jurídico inglês na época, graças a esta teoria foi possível vincular a imagem do rei à do reino, como se o monarca fosse a encarnação das instituições e dos valores de seus domínios. Um forte elemento religioso subjaz a doutrina dos “dois corpos”, que, conforme afirma Kantorowicz (idem, p. 29), produziu interpretações e

---

<sup>6</sup> O pai de Bacon, Sir Nicholas Bacon, foi *Lorde Guardiã do Grande Selo* por quase vinte anos, durante o reinado de Elizabeth. Segundo Kocher (1958, p. 133), “Sir Nicholas parece ter sido um daqueles homens sólidos, moderados e devotados, que compunham a espinha dorsal da administração pública de Elizabeth; além disso, era cordial e arguto, popular e conhecido como um grande partidário da reforma protestante na sociedade elisabetana”. Moretti (2011, p. 78-80) o descreve como um “político de profissão”, tipo de homem público que a Inglaterra “produziu às vésperas da idade moderna, em paralelo com as suas grandes transformações sociais e econômicas [...], não pertencente à nobreza dos castelos e à história das batalhas militares, mas um tipo de gentil-homem que recebera uma educação liberal e que, em meio aos fermentos e às controvérsias religiosas, havia desenvolvido uma aversão ao conservadorismo e uma índole, ao máximo, reformadora, sem, contudo, a rude impetuosidade dos intolerantes nem o zelo preconceituoso dos *parvenu*, mas com a calma determinação dos pragmáticos e dos realistas. [...] Sua política era, geralmente, marcada pelo conhecimento prático dos problemas e das necessidades humanas e se conformava à necessidade dos tempos”.

definições que se assemelhavam “àquelas produzidas em vista das Duas Naturezas do Deus-homem”. O historiador parece perceber em alguns textos de Bacon uma elaboração que se aproxima deste sentido. No ensaio “Of Empire”, Bacon considera que “todos os preceitos concernentes aos reis estão efetivamente abrangidos nesses dois lembretes: *Memento quod es homo* e *Memento quod es Deus ou vice Dei*” (idem, p. 300). De todo modo, uma clara referência aos dois corpos do rei pode ser observada logo no discurso do primeiro conselheiro, quando menciona a devoção dos súditos “à vossa coroa e à vossa pessoa”. É a parte humana, passível de erros e maus julgamentos, que se pode instruir e orientar no caminho da virtude e da verdade. Esta é a função dos conselheiros.

O primeiro conselheiro propõe o exercício da guerra, tema bastante complexo e recorrente na obra baconiana. Em seu discurso, já é possível perceber indícios da leitura de Maquiavel, principalmente no trecho em que aborda três das principais noções a que se atenta o florentino no aconselhamento de seu príncipe, quais sejam, a força, a fortuna e a *virtù*: “como pode ele pensar em outro exercício digno de Seus meios, senão o da conquista? Porque, em poucas palavras, qual é a Sua força, se não a encontra? Sua fortuna, se não a põe à prova? Sua virtude, se não a mostra?” (Bacon, VIII, p. 333).

O reino tem todas as condições necessárias para deflagrar uma guerra ou defender-se dos inimigos, sem a necessidade de auxílio externo, como os temidos exércitos mercenários a que tanto se opunha Maquiavel<sup>7</sup>. Sendo assim, tendo a força, é preciso que o príncipe enfrente voluntariamente as adversidades da fortuna, para que se distinga com mais nitidez sua *virtù*. Um esboço da noção de grandeza do Estado, que Bacon desenvolverá nas décadas seguintes, pode ser observado, como resultado das conquistas militares:

Mas se abraçar as guerras, Seus troféus e triunfos serão como coroações contínuas, que não suportarão que Sua glória e contentamento se desvaneçam e murchem.

---

<sup>7</sup> O estado de paz interna, o equilíbrio do poder e a abundância de recursos humanos e materiais garantem o êxito do empreendimento bélico: “aquele que se põe diante de vossa magnanimidade e valor, sustentados pela juventude e disposição de vosso corpo; de vossa corte florescente, como o cavalo de Troia, repleta de bravos comandantes e líderes; de vossas províncias populosas, cheias de homens, transbordantes de gente guerreira; de vossos cofres, semelhantes às minas indianas quando foram abertas pela primeira vez; de vossos armazéns e arsenais, semelhantes à caverna de Vulcano; de vossa marinha, como uma enorme cidade flutuante; da devoção de vossos súditos a vossa coroa e a vossa pessoa, a concórdia que têm entre si, sua riqueza e sua provisão; e, por fim, de vossa aliança estreita e irrevogável, com estes personagens nobres e honrados, e da fama e reputação que granjeais por tão raro acordo, do qual nascem todas as considerações anteriores; como pode ele pensar em outro exercício digno de vossos meios, senão o da conquista?” (Bacon, VIII, p. 333). Atentar para o tom jocoso na comparação da corte ao cavalo de Troia, cheia de bravos comandantes e líderes que podem, ao mesmo tempo, ser uma ameaça à paz e à coroa. Este era um dos temas tratados na carta de conselho à rainha, escrita dez anos antes.

Então, quando tiver ampliado Seus territórios, nobilitado o Seu país, distribuído fortunas, boas ou más, a Seu prazer, não só para particulares, mas para cidades e nações; associado o cálculo dos tempos com Suas expedições e viagens, e a memória dos lugares com os Seus feitos e vitórias; em Seus últimos anos terá doces lembranças das aventuras de Sua juventude, o gozo de Sua reputação, a recordação de Suas viagens; e findado Seu próprio tempo, eternizará Seu nome, deixando profundas marcas de Seu poder no mundo. Para concluir, Excelente Príncipe, e o mais digno de ter os títulos de vitórias somados aos Seus outros elevados e merecidos títulos, lembre-se, os teólogos acreditam que nada de mais glorioso conforma-se ao nosso estado do que uma guerra.. (*ibidem*).

Assim como Maquiavel, Bacon considera relevante o papel da força bruta na condução dos negócios do Estado. De fato, o primeiro conselheiro parece secundar a ideia que abre o capítulo 14 d’*O Príncipe*: “Deve portanto um príncipe não ter outro objetivo, nem pensamento, nem tomar como arte sua coisa alguma que não seja a guerra, sua ordem e disciplina, porque esta é a única arte que convém a quem comanda” (Maquiavel, 2008, p. 69).

Portanto, com a introdução de algumas lições do secretário florentino, o primeiro conselho confere ao texto um aspecto de ruptura com os exemplos convencionais do gênero. Mais uma vez, o que se propõe não é a ideia de que, uma vez internalizadas e obedecidas todas as virtudes morais que se espera de um príncipe cristão, esteja garantido o caminho para a glória e a honra, cujo reflexo se manifesta na ordem, no equilíbrio e na prosperidade do Estado. O êxito da ação política, em última instância, deriva da compreensão de circunstâncias que podem requerer uma conduta que fuja aos atributos que a tradição confere e espera deste príncipe cristão, ainda que estes mesmos atributos possam ter, em outros momentos, grande relevância na condução do Estado. Neste sentido, Bacon também se esquia da “perspectiva ingênua, pela qual se esquece em que medida a manutenção de um governo bem-sucedido depende de uma disposição inabalável a suprir as artes da persuasão mediante o recurso à força militar efetiva”, como Skinner (1999, p. 150) observa em Maquiavel.

O segundo e o terceiro conselheiros avançam certas ideias e propostas facilmente perceptíveis na *Nova Atlântida*, embora não exclusivamente, já que terão frequentes reverberações e aprofundamentos em vários de seus escritos, ao longo das décadas seguintes. Do segundo discurso, foi mencionada acima a passagem onde tal relação se mostra mais evidente. Outras observações, porém, podem ser feitas. Um conselheiro propõe que o próprio príncipe se dedique ao estudo da filosofia, o outro, que busque eternizar sua fama por meio de construções e instituições magníficas. Ainda que a peça seja estruturada de modo que as sugestões dadas por um conselheiro



sejam refutadas pelo discurso subsequente, é possível notar, acima do certame verbal, uma relação de complementaridade.

Para o segundo conselheiro, se as faculdades que governam o homem são a força e a razão, não se deve esquecer que a primeira é brutal e a segunda, divina. Assim, aquele que estima como principal ornamento e atributo da realeza “as garras da águia que apanham a presa”, não consegue perceber que ainda mais valioso é o “olhar penetrante que perscruta o fundo do mar” (Bacon, VIII, p. 334). Consequentemente,

pelo contrário, almejarei, para Vossa Alteza, o exercício da melhor e mais pura parte da mente, e a conquista mais inocente e meritória: a conquista das obras da natureza. Ao fazer tal proposição, desejaria que inclinasse a excelência de Seu espírito para a busca, invenção e descoberta de tudo o que é oculto e secreto no mundo; que Vossa Excelência não seja como uma lâmpada que brilha para os outros e não se vê a si mesma, mas como o Olho do Mundo, que tanto porta a luz quanto dela se serve. (ibidem).

Já nesta passagem, verifica-se o predomínio de imagens relacionadas à luz, abundantes também nas páginas da *Nova Atlântida*, às quais Spurgeon dedica algumas considerações. Segundo a autora, “Bacon parece continuamente ver e refletir sobre a natureza humana em termos de luz e sombra. [...] De fato, a Luz, para Bacon, representa todas as coisas boas, a iluminação de todo tipo, tanto mental como espiritual: verdade, virtude, conhecimento, compreensão, razão [...]; a Luz, para ele, significa o juízo claro e imparcial” (Spurgeon, 1933, p. 386-7). Como o sol, “o Olho do Mundo”, portador de luz própria, o príncipe conjuga em si a imagem do governante e do homem de ciência, prefiguração de outra imagem cara a Bacon, a do rei Salomão, que por vezes tentará vincular a Jaime I, e que, em sua utopia, refere-se tanto à personagem bíblica, ao grande e sábio legislador de Bensalém, mas também ao grande colégio de cientistas da ilha, sua principal instituição. Em sua exortação, o segundo conselheiro anseia, portanto, pela união do poder político e do saber científico, e este dado pode ter alguma relevância para a compreensão da tácita e intrincada questão do poder na *Nova Atlântida*.

Tal união parece não encontrar respaldo no discurso do terceiro conselheiro, talvez pela imagem divergente que apresenta – porque única que parece conceber – do homem de ciência. Ao refutar os conselhos de seus antecessores, alega que, por um lado, as esperanças das campanhas bélicas são fadadas a “tragédias de calamidade e angústia”, e, por outro, as esperanças da “mística filosofia” resultam em nada mais do que “comédias de frustrações e decepções ridículas de tais conceitos e curiosidades” (Bacon, VIII, p. 336).

Inúmeras páginas já foram escritas na tentativa de esclarecer a relação controversa que Bacon estabelece com a então denominada filosofia natural, a magia, a alquimia, ou seja, com todo um conjunto de tradições, pensadores e reflexões que, direta ou indiretamente, sem a busca de uma rígida classificação e distinção, se vinculavam à ideia generalizada de uma investigação da natureza. Muitos dos anseios – e até fantasias – dos magos e alquimistas medievais são compartilhados pelo filósofo, e sua própria linguagem às vezes trai a influência dos textos da tradição mágico-alquímica. No entanto, frequentemente condenava com veemência e com característico desprezo, algo entre revoltoso e sarcástico, os princípios e os procedimentos da magia natural, dentre outras formas de experimentação e de estudo da natureza. Um exemplo é este trecho do *Partus temporis masculus* (1603), em que o alvo de sua crítica é principalmente Paracelso, que vem à frente do “grupo de alquimistas”:

Tu, confundindo as coisas divinas com as naturais, o profano com o sagrado, as heresias com as fábulas, profanaste, oh sacrílego impostor, tanto a verdade humana quanto a religiosa. Tu não apenas, como os sofistas, obscureceste a luz da natureza (cujo santíssimo nome tua boca impura tantas vezes pronuncia), mas por certo a apagaste. Eles abandonaram a experiência, tu a traíste. A evidência que provém das coisas é ainda crua e mascara a realidade, tu submeteste esta evidência a uma interpretação já predeterminada. Ao invés do cálculo dos movimentos, buscaste as transformações da substâncias e, deste modo, tentaste corromper as fontes da ciência e enganar a mente dos homens. Às dificuldades e incertezas dos experimentos [...] acrescentaste obstáculos novos e estranhos. Portanto, não é verdade que tenhas conhecido ou seguido o caminho da experiência! Antes, fizeste o possível para aumentar a cobiça dos magos. [...] Estes, de fato, põem-se de acordo entre si com base em uma série de mentiras recíprocas e ostentam, em todo caso, as mais vastas esperanças; e se, vagando ao léu pelas sendas da experiência, às vezes se defrontam com alguma coisa de útil, isto acontece por acaso e não pelo método que seguem (Bacon, 1975, p. 111-3).

Há quase dez anos de distância, esta passagem parece ecoar a recriminação do terceiro conselheiro das *Gesta*, pela ideia que este faz do homem de ciência como um impostor que difunde os embustes de uma “mística filosofia”. Na verdade, demonstra não ter compreendido que, justamente pela criação das quatro instituições para a reforma do saber, defendida por seu antecessor, a imagem do cientista necessariamente se transforma e, conseqüentemente, podemos vislumbrar algo do que virá a ser a ciência moderna e seu representante, como Rossi (2006, p. 143) sintetiza de forma clara:

Este era o retrato do novo “sábio” proposto por Bacon: um homem sem dúvida mais semelhante a Galileu ou a Newton do que ao turbulento Paracelso ou ao insaciável Cardano [...]. A postura titânica do mago da Renascença parece ter sido substituída por uma placidez clássica e por uma atmosfera parecida com a das conversações do primeiro humanismo. Porém, além daquela atmosfera, havia a consciência de que os homens podem dispor – servindo-se da técnica e da colaboração – de um poder desmedido e que o palco dos empreendimentos humanos já não era mais uma cidade, mas o mundo. Este “novo” retrato do homem de ciência fundava-se num conceito de ciência completamente diferente daquele que havia sido o de Telésio, Cardano, Agrippa, Porta e Paracelso; ciência não é uma série de pensamentos anotados, mas pensamento metódico e sistemático; ciência não é um simples apelo à experiência, não é apenas rejeição das autoridades, não é apenas observação, mesmo que detalhada; ciência não é intuição de um gênio isolado e solitário, mas é busca coletiva e institucionalização da pesquisa em formas (sociais e linguísticas) específicas.

Há, contudo, algo na fala deste terceiro conselheiro que, de certo modo, atenua o contraste que se revela entre os dois discursos. Dito em tom jocoso, ao sugerir a edificação de magníficos monumentos e o estabelecimento de instituições, deixa claro que tem em mente, não os exemplos convencionais e paradigmáticos – ou não somente estes –, mas também a criação de novos, como afirma já ter acontecido, com a instituição da *Ordem do Elmo*, cujos artigos são apresentados antes da peça (e em cuja redação Spedding não acredita ter a participação de Bacon) e que esboçam um quadro cômico dos costumes da época<sup>8</sup>. A fama a ser eternizada é merecida, “não é a dos rumores e boatos, mas a da memória visível de si mesmo, pela magnificência de esplendorosos e régios edifícios e fundações, e pela instituição de novas ordens, ordenanças e sociedades” (Bacon, VIII, p. 336).

Um outro discurso, o do quinto conselheiro, apresenta proposições apenas anunciadas no texto utópico. Na verdade, quem as menciona é William Rawley, secretário de Bacon, no prefácio da *Nova Atlântida*, justamente para sustentar a ideia de incompletude do texto, ao afirmar que era desejo do autor fornecer a descrição de “uma estrutura de leis, ou o modelo do melhor estado ou república”, que, no entanto, abandona em favor de propósitos mais prementes. Bacon se valeu de seus vários anos de estudo e prática no campo do direito na tentativa de propor uma ampla reforma judiciária que, como vários de seus projetos, permaneceu inacabada. Contudo, tal reforma é

---

<sup>8</sup> Para os festejos daquele ano em Gray’s Inn, os jovens advogados e estudantes de direito decidiram transformar a casa numa espécie de corte. Para tal, elegeram um príncipe (justamente o Príncipe de Purpoole, que solicita os conselhos no texto de Bacon). Numa das noites, este príncipe instituiu a *Ordem do Elmo*, cujos artigos, redigidos de forma cômica, são lidos imediatamente antes da apresentação da peça que aqui traduzimos. O nome da ordem é dado em consideração ao fato de que, assim como o elmo protege a parte mais importante do corpo, a cabeça, do mesmo modo o príncipe defende a cabeça do Estado.

claramente delineada na passagem central do quinto discurso, e comporta um elenco de vários tópicos a que o autor dava grande atenção.

Último dos conselhos “graves” e “ponderados”<sup>9</sup>, neste busca-se, de fato, deslocar o foco da pessoa do príncipe para a prosperidade do Estado. O quinto conselheiro percebe que seus pares, cada um por sua vez, propuseram que o príncipe se tornasse poderoso, forte, memorável e absoluto, mas nenhum buscou persuadi-lo a ser, antes de tudo, bom e virtuoso. Porém, mais do que qualidades inatas, o conselheiro parece sugerir que a bondade e a virtude se mostram nas ações do governante. São os êxitos de um bom governo que tornam verdadeiramente bom e virtuoso o príncipe: “Ser digno de Seus súditos, realizar o tempo de ouro, tornar-se um pai natural para o Seu Estado: eis os únicos fins, apropriados e dignos, do virtuoso reino de Vossa Graça.” (Bacon, VIII, p. 339). Assim, faz uma operação, de certa forma, ao inverso do que comumente se observa nos “espelhos”.

Em contraste com certo egotismo que permeia os discursos antecedentes, o conselheiro sugere o exercício pleno da liberalidade:

Meus senhores lhe ensinaram a direcionar todas as coisas para si mesmo, a Sua grandeza, a Sua memória e Seus ganhos. Mas, a que coisa deve Vossa Excelência mesma ser direcionado? Se quiser ser divino, precisa ter influência. Quer ser como um lago que consome e retém dentro de si sua nascente, e que não tem riachos nem corrente para abençoar e tornar frutíferas extensões inteiras de campos por onde flui? (Bacon, VIII, p. 339).

Como na carta de aconselhamento à rainha, a primeira medida a ser tomada é garantir a paz interna, para que contendias facciosas não facilitem o ingresso de forças hostis vindas do exterior ou debilitem o poder do estado. São dados alguns conselhos relacionados a este tema, como a presença do soberano em visita às regiões do reino, a adequada escolha de homens virtuosos e de pensamento arguto para a composição dos conselhos, etc. Garantido o estado de paz, propõe-se a reforma da estrutura judiciária:

---

<sup>9</sup> O sexto, como dito anteriormente, é uma clara pilhéria, cuja função dramática é a de novamente dispor os ânimos da audiência à atmosfera alegre da festa. O quarto discurso faz uma falsa apologia do governo absoluto, pois, embora a personagem que o profere tente afetar um tom de circunspeção no início, ao desbancar as três propostas anteriores, perde-se, em seguida, em comparações e exemplos bastante divertidos, que revelam um espírito um tanto vulgar e filisteu, em consonância com a ideia predominante do discurso, que toma por base o vício da avareza para grande parte da defesa do governo absoluto. Alguns exemplos: “[...] se um homem nascesse para embolsar cem libras por ano, e outro lhe mostrasse como, com custo, obter outras cem, e um outro lhe mostrasse como, sem custo, multiplicar aquelas cem libras até o montante de quinhentas, creio que o último conselho devesse ser seguido. Eis um provérbio camponês, embora significativo: ‘ordene a vaca que fica; por que seguir a que foge?’”. A síntese do conselho deste quarto cortesão encontra-se na frase: “Siga a ordem da natureza, primeiramente, para aproveitar ao máximo o que possui, antes de tentar adquirir mais.” (Bacon, VIII, p. 338).

Em seguida, olhe para o estado de Suas leis e para a justiça de Sua terra; expurgue a multiplicidade das leis, dê clareza ao que nelas é incerto, revogue aquelas que são capciosas e coloque em execução aquelas que são salutares e necessárias; defina a jurisdição de Seus tribunais, reprima todos os recursos e vexações, todas as dilações infundadas e todos os dispositivos e modificações fraudulentos, e reforme todos os abusos do direito e da justiça; dê assistência a Seus representantes, puna severamente todas as extorsões e exações dos oficiais públicos, toda a corrupção nos julgamentos e nas sentenças dos tribunais (*idem*, 339-40).

Convicto de que as leis, por si só, são incapazes de garantir o equilíbrio das relações sociais, o conselheiro sugere maior atenção aos costumes, uma vez que negligenciados o devido tempo e os costumes, não há “brida ou agulhão que faça com que o cavalo marche sozinho”. Sendo assim, introduz alguns juízos concernentes à educação:

Não confie Suas leis à correção dos tempos, mas ofereça todo apoio à boa educação; cuide do governo de Suas universidades e de todos os seminários da juventude, assim como à ordem privada das famílias, mantendo a devida obediência dos filhos para com seus pais, e a reverência dos mais jovens para com os mais velhos (*idem*, p. 340).

Dois temas frequentes na literatura utópica, a forma das leis e o os rudimentos de um plano pedagógico praticamente concluem os conselhos da *masque*, e reaparecem, às vezes implicitamente, nas passagens da *Nova Atlântida* em que se descreve minimamente a estrutura social e os hábitos dos bensalemitas.

O aspecto de emulação que organiza a composição do texto – em que cada conselheiro busca superar seu(s) interlocutor(es) precedente(s) – confere o mínimo de dramaticidade necessária para a sua apresentação. Contudo, é possível ler os discursos aqui apresentados como facetas do pensamento do jovem Bacon, pontos que ele aqui já evidencia, para retomar e aprofundar em momentos futuros. Não chegarão a formar uma unidade coesa de pensamento, embora, na *masque*, acredito que possam ser definidos como complementares.

Por fim, me parece pertinente reiterar algo que busquei demonstrar nesta breve apresentação: contrariamente à noção de que o filósofo tenha assumido um olhar utópico ou seguido o filão da incipiente literatura utópica somente no fim de sua vida, suponho que a passagem das *Gesta Grayorum*, cuja tradução apresentamos a seguir, comprove sua inclinação a um modo de pensar utópico, que remonta a seus anos de formação intelectual.

## Façanhas de Gray's Inn<sup>10</sup>

Meus senhores,

Fizemos escolha de vós, como nossos conselheiros mais fiéis e favoritos, para convosco aconselharmo-nos, não sobre uma ação particular de nosso Estado, mas, em geral, sobre o alcance e o fim aos quais julgais que nosso governo deva, ao máximo, propender e se direcionar, para a nossa honra e para a felicidade de nosso Estado. Pois não desejamos fazer como fazem muitos príncipes que, de seus próprios humores, inferem os seus fins, e tomam conselho apenas sobre os meios, ofendendo, na maioria das vezes, a sabedoria dos seus conselheiros, ao conduzi-los pela via certa ao lugar errado. Mas nós, no desejo de deixar tão pouco o quanto possa ao acaso ou ao humor, vos damos agora liberdade e permissão para definir diante de nós, para que porto, por assim dizer, o navio do nosso governo deve ser orientado. E isto, vos instamos que façais, sem considerar os nossos ou os vossos próprios sentimentos, nem supor o que seja mais conforme à nossa disposição, no que podemos facilmente enganar-vos, pois os corações dos príncipes são imperscrutáveis; nem, por outro lado, apresentar o caso tendo em mira vossos próprios interesses, como se nos aparecêsseis com uma veste, cuja medida tivesse sido tomada de vós mesmos. Assim, estais a par do que se passa em nossa mente. Esperamos vossa resposta.

---

### Gesta Grayorum

My Lords,

We have made choice of you, as our most faithful and favoured counsellors, to advise with you, not any particular action of our state, but in general, of the scope and end whereunto you think it most for your honour, and the happiness of our state, that our government be rightly bent and directed: for we mean not to do as many princes use; which conclude of their ends out of their own Humors, and take counsel only of the means, abusing, for the most part the Wisdom of their Counsellors, [to] set them the right way to the wrong place. But we, desirous to leave as little to chance or humour as may be, do now give you liberty and warrant to set before us, to what port, as it were, the ship of our government should be bounden. And this we require you to do, without either respect to our affections, or your own; neither guessing what is most agreeable with our disposition, wherein we may easily deceive you; for princes hearts are inscrutable: Nor, on the other side, putting the case by yourselves, as if you would presente us with a robe, whereof measure were taken by yourselves. Thus you perceive our mind, and we expect your answer.

---

<sup>10</sup> O texto da *Gesta Grayorum* refere-se aos festejos que aconteceram nas semanas de natal e ano novo em Gray's Inn na passagem de 1594 para 1595. Tem, por isso, o aspecto de jogo, de entretenimento, de diversão. Assim, optei por traduzir “gesta” por “façanhas”, pois, na língua portuguesa, o termo engloba tanto uma “ação notável e heroica”, quanto um sentido mais irônico, de aventura maravilhosa, fora do comum, não usual.

## **O Primeiro Conselheiro, aconselhando o exercício da Guerra**

Excelentíssimo Príncipe, a menos que haja entre nós, embora esteja plenamente convicto de não haver, alguém que considere mais a sua própria grandeza sob Vós do que a grandeza de Vossa Alteza sobre os outros, creio que haverá pouca divergência na escolha de um objetivo digno de Sua<sup>11</sup> virtude e poder. Pois aquele que se põe diante de Sua magnanimidade e valor, sustentados pela juventude e disposição de Seu corpo; de Sua corte florescente, como o cavalo de Troia, repleta de bravos comandantes e líderes; de Suas províncias populosas, cheias de homens, transbordantes de gente guerreira; de Seus cofres, semelhantes às minas indianas quando foram abertas pela primeira vez; de Seus armazéns e arsenais, semelhantes à caverna de Vulcano; de Sua marinha, como uma enorme cidade flutuante; da devoção de Seus súditos a Sua coroa e a Sua pessoa, a concórdia que têm entre si, sua riqueza e sua provisão; e, por fim, de Sua aliança estreita e irrevogável, com estes personagens nobres e honrados, e da fama e reputação que granjeia por tão raro acordo, do qual nascem todas as considerações anteriores; como pode ele pensar em outro exercício digno de Seus meios, senão o da conquista? Porque, em poucas palavras, qual é a Sua força, se não a encontra? Sua fortuna, se não a põe à prova? Sua virtude, se não a mostra? Pense, Excelente Príncipe, naquela espécie de contentamento que experimentou quando foi investido, pela

---

### **The First Counsellor, advising the Exercise of War**

MOST excellent Prince: Except there be such amongst us, as I am fully persuaded there is none, that regardeth more his own greatness under you than your greatness over others, I think there will be little difference in choosing for you a goal worthy your virtue and power. For he that shall set before him your magnanimity and valour, supported by the youth and disposition of your body; your flourishing Court, like the horse of Troy, full of brave commanders and leaders; your populous and man-rife provinces, overflowing with warlike people; your coffers, like the Indian mines when that they were first opened; your storehouses and arsenals, like to Vulcan's cave; your navy like to an huge floating city; the devotion of your subjects to your crown and person, their good agreement amongst themselves, their wealth and provision; and then your strait and unrevocable confederation with these noble and honourable personages, and the fame and reputation without of so rare a concurrence, whereof all the former regards do grow; how can he think any exercise worthy of your means but that of conquest? For in few words, what is your strength, if you find it not? your fortune, if you try it not? your virtue, if you show it not? Think, excellent Prince, what sense of content you found in yourself, when you were first invested in our state; for though I know your Excellency

---

<sup>11</sup> Uma das grandes dificuldades da tradução foi manter a concordância dos pronomes possessivos e oblíquos no uso da segunda pessoa indireta (Vossa Alteza, Vossa Excelência, etc.), pois, na língua inglesa, a diferença pode ser observada pelo emprego dos termos “your”, “his”, “their”, etc. Assim, para facilitar ao leitor a compreensão do texto, optei por destacar com letra maiúscula tais pronomes, quando se referem ao príncipe (como segunda pessoa do discurso).

primeira vez, de nosso Estado, pois embora saiba o quão distante Vossa Excelência está da soberba e da frivolidade, é da natureza de todas as coisas encontrar descanso quando alcançam os lugares devidos e próprios. Mas pode ter certeza de que este deleite definhará e desaparecerá, pois o poder saciará o apetite e a saciedade induzirá o tédio. Mas se abraçar as guerras, Seus troféus e triunfos serão como coroações contínuas, que não suportarão que Sua glória e contentamento se desvançam e murchem. Então, quando tiver ampliado Seus territórios, nobilitado o Seu país, distribuído fortunas, boas ou más, a Seu prazer, não só para particulares, mas para cidades e nações; associado o cálculo dos tempos com Suas expedições e viagens, e a memória dos lugares com os Seus feitos e vitórias; em Seus últimos anos terá doces lembranças das aventuras de Sua juventude, o gozo de Sua reputação, a recordação de Suas viagens; e findado Seu próprio tempo, eternizará Seu nome, deixando profundas marcas de Seu poder no mundo. Para concluir, Excelente Príncipe, e o mais digno de ter os títulos de vitórias somados aos Seus outros elevados e merecidos títulos, lembre-se, os teólogos acreditam que nada de mais glorioso conforma-se ao nosso estado do que uma guerra. Todas as coisas ditas a sério ou por gracejo simulam uma espécie de vitória, e todas as outras vitórias são apenas sombras ante as vitórias das guerras. Portanto, abrace as guerras, pois elas não lhe aviltam, e acredite que, se algum príncipe faz o contrário, é devido à fraqueza de sua mente ou de seus meios.

---

is far from vanity and lightness, yet it is the nature of all things to find rest when they come to due and proper places. But be assured of this, that this delight will languish and vanish; for powers will quench appetite and satiety will induce tediousness. But if you embrace the wars, your trophies and triumphs shall be as continual coronations, that will not suffer your glory and contentment to fade and wither. Then when you have enlarged your territories, ennobled your country, distributed fortunes, good or bad, at your pleasure, not only to particulars but to cities and nations; married the computations of times with your expeditions and voyages, and the memory of places by your exploits and victories; in your later years you shall find a sweet respect into the adventures of your youth; you shall enjoy your reputation; you shall record your travels; and after your own time you shall eternise your name, and leave deep footsteps of your power in the world. To conclude, excellent Prince, and most worthy to have the titles of victories added to your other high and deserved titles, Remember, the divines find nothing more glorious to resemble our state unto than a warfare. All things in earnest and jest do affect a kind of victory; and all other victories are but shadows to the victories of the wars. Therefore embrace the wars, for they disparage you not; and believe that if any Prince do otherwise it is either in the weakness of his mind or means.



## **O Segundo Conselheiro, aconselhando o estudo da filosofia**

Pode parecer, Excelentíssimo Príncipe, que o meu Senhor, que acaba de falar, nunca tenha lido a justa censura dos homens mais sábios, que comparavam os grandes conquistadores a grandes vagabundos e a bruxas, cujo poder está na destruição, não na preservação; de outro modo, ele nunca teria aconselhado Vossa Excelência a tornar-se uma espécie de cometa ou estrela ardente, que ameaça e nada pressagia, exceto morte, escassez, incêndios e desordens no mundo. E uma vez que as faculdades que regem os homens são duas, a força e a razão, das quais uma é bruta e a outra, divina, ele deseja, por Seu principal ornamento e majestade, as garras da águia que apanham a presa, e não o olhar penetrante que perscruta o fundo do mar. Mas eu, pelo contrário, almejei, para Vossa Alteza, o exercício da melhor e mais pura parte da mente, e a conquista mais inocente e meritória: a conquista das obras da natureza. Ao fazer tal proposição, desejaria que inclinasse a excelência de Seu espírito para a busca, invenção e descoberta de tudo o que é oculto e secreto no mundo; que Vossa Excelência não seja como uma lâmpada que brilha para os outros e não se vê a si mesma, mas como o Olho do Mundo, que tanto porta a luz quanto dela se serve. A antiguidade, que nos apresenta em visões obscuras a sabedoria dos tempos antigos, nos informa que os [governos de] reinos sempre tiveram uma afinidade com os segredos e mistérios do conhecimento.

---

## **The Second Counsellor, advising the Study of Philosophy**

It may seem, most excellent Prince, that my Lord which now hath spoken did never read the just censures of the wisest men, who compared great conquerors to great rovers and witches, whose power is in destruction and not in preservation; else would he never have advised your Excellency to become as some comet or blazing star, which should threaten and portend nothing but death and dearth, combustions and troubles of the world. And whereas the governing faculties of men are two, force and reason, whereof the one is brute and the other divine, he wisheth you for your principal ornament and regality the talons of the eagle to catch the prey, and not the piercing sight which seeth into the bottom of the sea. But I contrariwise will wish unto your Highness the exercise of the best and purest part of the mind, and the most innocent and meriting conquest, being the conquest of the works of nature; making this proposition, that you bend the excellency of your spirits to the searching out, inventing, and discovering of all whatsoever is hid and secret in the world; that your Excellency be not as a lamp that shineth to others and yet seeth not itself, but as the Eye of the World, that both carrieth and useth light. Antiquity, that presenteth unto us in dark visions the wisdom of former times, informeth us that the [governments of] kingdoms have always had an affinity with the secrets and mysteries of learning.

Entre os persas, os reis foram assistidos pelos Magos. Os gimnosofistas tinham todo o governo sob os príncipes da Ásia; e, geralmente, os reinos tidos como os mais felizes tiveram, como governantes, homens devotados à filosofia. Os Ptolomeus do Egito são um exemplo; e Salomão era um homem tão versado na universalidade da natureza, que escreveu um herbário de todo o verde que viceja sobre a terra. Nenhuma conquista de Júlio César o fez tão lembrado quanto o Calendário. Alexandre, o Grande, escreveu para Aristóteles, ao ser publicada a *Física*, que ele estimava os homens que se distinguiam mais no saber do que no império. E para este fim eu recomendo a Vossa Alteza quatro obras principais, monumentos de Vós mesmo. Em primeiro lugar, o acervo de uma biblioteca, a mais perfeita e geral, em que tudo o que a inteligência do homem até hoje confiou aos livros de valor, sejam eles antigos ou modernos, impressos ou manuscritos, europeus ou de outras partes, em uma ou em outra língua, possa servir de auxílio a Sua sabedoria. Em seguida, um espaçoso, maravilhoso jardim, no qual toda planta que cresça sob o sol de diversos climas, que brote de diversos tipos de solo, seja ela selvagem ou pela cultura do homem trazida à luz, possa ser colocada e zelada, com atenção ao bom modo de fazê-la se desenvolver. Este jardim deve ser construído em torno a câmaras destinadas a abrigar todos os animais raros e todas as espécies raras de aves; com dois lagos adjacentes, um de água doce, outro, de água salgada, para todas as espécies de peixes. E, assim, Vossa Alteza poderá ter, em um pequeno espaço, o modelo da natureza universal, de modo privado. O terceiro, um enorme gabinete, em que deve ser classificado e incluído tudo o que a mão do homem, com arte requintada ou com o auxílio da máquina, realizou

---

Amongst the Persians, the kings were attended on by the Magi. The Gymnosophists had all the government under the princes of Asia; and generally those kingdoms were accounted most happy, that had rulers most addicted to philosophy. The Ptolemies in Egypt may be for instance; and Salomon was a man so seen in the universality of nature that he wrote an herbal of all that was green upon the earth. No conquest of Julius Caesar made him so remembered as the Calendar. Alexander the Great wrote to Aristotle, upon the publishing of the Physics, that he esteemed more of excellent men in knowledge than in empire. And to this purpose I will commend to your Highness four principal works and monuments of yourself: First, the collecting of a most perfect and general library, wherein whatsoever the wit of man hath heretofore committed to books of worth, be they ancient or modern, printed or manuscript, European or of the other parts, of one or other language, may be made contributory to your wisdom. Next, a spacious, wonderful garden, wherein whatsoever plant the sun of divers climates, out of the earth of divers moulds, either wild or by the culture of man brought forth, may be with that care that appertaineth to the good prospering thereof set and cherished: This garden to be built about with rooms to stable in all rare beasts and to cage in all rare birds; with two lakes adjoining, the one of fresh water the other of salt, for like variety of fishes. And so you may have in small compass a model of universal nature made private. The third, a goodly huge cabinet, wherein whatsoever the hand of man by exquisite art or engine hath made rare in stuff, form, or motion;

de raro, seja na matéria, na forma ou no movimento; qualquer singularidade que o acaso ou o embaralhar das coisas produziu; tudo o que a natureza operou nas coisas que carecem de vida e que podem ser conservadas. O quarto, uma casa de destilação, bem provida de moinhos, instrumentos, fornos e vasos, como deve ser um palácio digno de uma pedra filosofal. Assim, quando tiver somado a profundidade de conhecimento à fineza de Seu espírito e à grandeza de Seu poder, então, de fato, virá a ser um Trismegisto; e depois, quando todos os outros milagres e maravilhas se findarem, pelo fato de ter descoberto suas causas naturais, restará Vossa Excelência como o único milagre e maravilha do mundo.

### **O Terceiro Conselheiro, aconselhando eternidade e fama por meio de edifícios e fundações**

Os senhores que já falaram, Excelentíssimo Príncipe, fizeram, ambos, uso de uma falácia, ao tomar por certo e garantido o que é, de fato, incerto e duvidoso; pois um não levou em consideração o sucesso e a fortuna das guerras, e o outro, as dificuldades e os erros na compreensão da natureza. Mas essas esperanças e promessas desmedidas muitas vezes resultam, as da guerra, em tragédias de calamidade e angústia, e as da filosofia mística, em comédias de frustrações e decepções ridículas

---

whatsoever singularity chance and the shuffle of things hath produced; whatsoever Nature hath wrought in things that want life and may be kept; shall be sorted and included. The fourth such a still-house, so furnished with mills, instruments, furnaces, and vessels, as may be a palace fit for a philosopher's stone. Thus, when your Excellency shall have added depth of knowledge to the fineness of [your] spirits and greatness of your power, then indeed shall you be a Trismegistus; and then when all other miracles and wonders shall cease by reason that you shall have discovered their natural causes; yourself shall be left the only miracle and wonder of the world.

### **The Third Counsellor, advising Eternizement and Fame by Buildings and Foundations**

My Lords that have already spoken, most excellent Prince, have both used one fallacy, in taking that for certain and granted which was most uncertain and doubtful; for the one hath neither drawn in question the success and fortune of the wars, nor the other the difficulties and errors in the conclusions of nature. But these immoderate hopes and promises do many times issue forth, those of the wars into tragedies of calamities and distresses; and those of mystical philosophy into comedies of ridiculous frustrations and dis-

de tais conceitos e curiosidades. Mas, por outro lado, em um ponto meus senhores estão de bom acordo: ambos, conforme suas distintas intenções, aconselharam Vossa Excelência a conquistar fama e eternizar Seu nome, embora um lhe tenha proposto um caminho de grande perigo, e o outro, de pouca dignidade e magnificência. Mas a maneira simples e aprovada, segura e adequada à grandeza de um monarca de apresentar-se à posteridade, não é a dos rumores e boatos, mas a da memória visível de si mesmo, pela magnificência de esplendorosos e régios edifícios e fundações, e pela instituição de novas ordens, ordenanças e sociedades; isto é, que, assim como Sua moeda é cunhada com Sua própria imagem, do mesmo modo, em cada parte de Seu Estado deverá haver algo de novo, que, na sucessão dos tempos, possa conservar a lembrança de seu fundador e autor. Percebeu-se, no início, quando os homens procuravam remediar a mortalidade por meio da fama, que as construções eram a única alternativa, e daí originou-se a conhecida e sagrada antiguidade da construção da Torre de Babel, que, como era um pecado de imoderado apetite pela fama, foi, assim, punida por seu exemplo, pois a diversidade de línguas aprisionou a fama desde então. Quanto às pirâmides, os colossos, o número de templos, escolas, pontes, aquedutos, castelos, teatros, palácios, e construções semelhantes, tais coisas podem nos mostrar que os homens jamais confiaram em outro modo de alcançar a fama, exceto este apenas, o das obras e monumentos. De fato, até mesmo os que podiam optar por melhores alternativas não o fizeram. Alexandre não considerou que sua fama estivesse suficientemente estampada em suas conquistas, mas acreditou que ela cintilaria mais intensamente nas construções de Alexandria. Augusto César não acreditava que homem algum ti-

---

appointments of such conceipts and curiosities. But on the other side, in one point my Lords have well agreed; that they both according to their several intentions counselled your Excellency to win fame and to eternise your name; though the one adviseth it in a course of great peril, and the other of little dignity and magnificence. But the plain and approved way, that is safe and yet proportionable to the greatness of a monarch, to present himself to posterity, is not rumour and hearsay, but the visible memory of himself in the magnificence of goodly and royal buildings and foundations, and the new institutions of orders, ordinances, and societies; that is, that [as] your coin be stamped with your own image, so in every part of your state there may be somewhat new, which by continuance may make the founder and author remembered. It was perceived at the first, when men sought to cure mortality by fame, that buildings was the only way; and thereof proceeded the known holy antiquity of building the Tower of Babel; which as it was a sin in the immoderate appetite of fame, so it was punished in the kind; for the diversities of languages have imprisoned fame ever since. As for the pyramids, the colosses, the number of temples, colleges, bridges, aqueducts, castles, theatres, palaces, and the like, they may show us that men ever mistrusted any other way to fame than this only, of works and monuments. Yea even they which had the best choice of other means. Alexander did not think his fame so engraven in his conquests, but that he thought it further shined in the buildings of Alexandria. Augustus Caesar thought no man had done greater things in military actions than

vesse feito coisas maiores que ele no exercício das armas. Ainda assim, com a proximidade da morte, o que mais passava por sua mente era tudo o que havia construído, quando disse, não metaforicamente, como alguns se equivocam, mas literalmente, “encontrei uma cidade de tijolos, mas a deixo feita de mármore”. Constantino, o Grande, costumava chamar, com inveja, o imperador Trajano de parietária<sup>12</sup>, porque seu nome podia ser visto sobre vários edifícios. Não obstante, ele fez o mesmo na nova fundação de Constantinopla e em diversos outros edifícios, e, no entanto, jamais houve conquistador maior do que estes dois. Certamente, eles tinham razão, pois a fama das grandes ações é semelhante a uma inundação, que não tem uma fonte principal. Porém, a memória e a fama dos edifícios e das fundações têm, por assim dizer, a fonte em uma colina, que continuamente alimenta e refresca as outras águas. Tampouco restrinjo meu discurso, Excelente Príncipe, tão somente às construções mortas, mas estendo-o também a outras fundações, instituições e criações, sobre as quais presumo poder falar com mais confiança, pois nisto sou afiançado por Sua própria sabedoria, que fez os primeiros frutos de Suas ações de Estado ao instituir a honrosa Ordem do Elmo. Nada mais preciso dizer, deixando a vossa Excelência a liberdade de seguir, nem tanto o meu conselho, mas o Seu próprio exemplo.

---

himself, yet that which at his death ran most in his mind was his building, when he said, not, as some mistake it, metaphorically, but literally, I found the city of brick but I leave it of marble. Constantine the Great was wont to call with envy the Emperor Trajan, wallflower, because his name was upon so many buildings; which notwithstanding he himself did embrace in the new founding of Constantinople, and sundry other buildings; and yet none greater conquerors than these two. And surely they had reason; for the fame of great actions is like to a landflood which hath no certain head of spring; but the memory and fame of buildings and foundations hath, as it were, a fountain in an hill, which continually feedeth and refresheth the other waters. Neither do I, excellent Prince, restrain my speeches to dead buildings only, but intend it also to other foundations, institutions, and creations; wherein I presume the more to speak confidently, because I am warranted herein by your own wisdom, who have made the first-fruits of your actions of state to institute the honourable Order of the Helmet; the less shall I need to say, leaving your Excellency not so much to follow my advice as your own example.

---

<sup>12</sup> Planta da família das urticáceas, que cresce perto dos muros, conhecida popularmente como fura-parede.

### **O quarto Conselheiro, aconselhando o Estado e o Tesouro absolutos**

Que não pareça pusilanimidade para Vossa Excelência, poderoso príncipe, descer um pouco de Seus elevados pensamentos a uma necessária consideração de Sua propriedade. Nem podeis negar, honrados senhores, reconhecer que a segurança, os ganhos e o poder sejam a substância da política, e que a fama e a honra sejam mais como flores de ações bem ordenadas do que bons fins. Agora, se examinais as vias propostas conforme tais perspectivas, é preciso reconhecer que a das guerras parece aumentar o poder, e a das contemplações e fundações não prejudicam a segurança. Mas se olhais para além das aparências, descobrireis que a primeira alimenta a fraqueza, e as seguintes fomentam o perigo. Pois é certo que, durante as guerras, Vossa Excelência será forçado a transigir com Seus soldados e, em geral, com Seu povo, e se tornará menos absoluto e monárquico do que se reinasse em paz. Então, se tiver êxito e fizer novas conquistas, será obrigado a exaurir a força de Suas províncias antigas e estabelecidas, para assegurar-se daquelas novas e incertas, vindo a ser como um homem forte que, ao tomar um grande fardo sobre os ombros, faz-se mais fraco do que era antes. Por outro lado, se acredita poder dar-se às contemplações com segurança, Vossa Excelência cai em engano, pois tais estudos lhe manterão distanciado e desabitado de Seus assuntos, tendo, por consequência, uma diminuição de Sua autoridade. O outro ponto, o de erigir em cada parte de Seu estado algo novo derivado de Vós mesmo, habituará Vossa Excelência à dis-

---

### **The Fourth Counsellor, advising Absoluteness of State and Treasure**

Let it not seem pusillanimity for your Excellency, mighty Prince, to descend a little from your high thoughts to a necessary consideration of your own estate. Neither do you deny, honourable Lords, to acknowledge safety, profit, and power to be of the substance of policy, and fame and honour rather to be as flowers of well ordered actions than as good ends. Now if you examine the courses propounded according to these respects, it must be confessed that the course of wars may seem to increase power, and the course of contemplations and foundations not prejudice safety. But if you look beyond the exterior you shall find that the first breeds weakness and the latter nurse peril. For certain it is during wars your Excellency will be enforced to your soldiers and generally to your people, and become less absolute and monarchical than if you reigned in peace; and then if your success be good, that you make new conquests, you shall be constrained to spend the strength of your ancient and settled provinces to assure your new and doubtful, and become like a strong man that by taking a great burden upon his shoulders maketh himself weaker than he was before. Again, if you think you may intend contemplations with security, your Excellency will be deceived; for such studies will make you retired and disused with your business, whence will follow a diminution of your authority. As for the other point, of erecting in every part of your state something new derived from yourself, it will acquaint

posição de inovar e alterar, o que fará com que Seu reino se torne bastante turbulento e instável, sendo que muitas vezes a mudança será para o pior, como no exemplo recém-aludido de Constantino, que, por causa da transferência de seu Estado, arruinou o Império Romano. Quanto aos ganhos, surge um contraste direto entre eles e todas as outras três vias, pois nada causa tamanha dissipação do tesouro como as guerras, as curiosidades e as construções, e tudo isto para ser recompensado com uma suposta honra, uma questão cabível de ser muito dignificada com palavras, mas não grandemente estimada em conceito, e acredito que se perca com tal barganha. Além disso, muitos príncipes receberam tantos elogios por seu governo sábio e bem ordenado como outros por suas conquistas e seu pendor para a glória; e mais merecidamente, porque o louvor da sabedoria e do discernimento concorda menos com a fortuna. Portanto, Excelente Príncipe, não se deixe arrebatado pelas aparências. Siga a ordem da natureza, primeiramente, para aproveitar ao máximo o que possui, antes de tentar adquirir mais. Para colocar a questão como homem privado (pois não posso falar alto), se um homem nascesse para embolsar cem libras por ano, e outro lhe mostrasse como, com custo, obter outras cem, e um outro lhe mostrasse como, sem custo, multiplicar aquelas cem libras até o montante de quinhentas, creio que o último conselho devesse ser seguido. Eis um provérbio camponês, embora significativo: “ordene a vaca que fica; por que seguir a que foge?” Não pense, Excelente Príncipe, que todas as conquistas a serem feitas sejam estrangeiras. Há que se

---

your Excellency with an humour of innovation and alteration, which will make your reign very turbulent and unsettled; and many times your change will be for [the] worse, as in the example last touched of Constantine, who by his new translation of his estate ruined the Roman Empire. As for profit, there appeareth a direct contrariety between that and all the three courses; for nothing causeth such a dissipation of treasure as wars, curiosities, and buildings; and for all this to be recompensed in a supposed honour, a matter apt to be much extolled in words, but not greatly to be prized in concept, I do think it a loser's bargain. Besides that many politic princes have received as much commendation for their wise and well-ordered government as others have done for their conquests and glorious affections; and more worthy, because the praise of wisdom and judgment is less communicated with fortune. Therefore, excellent Prince, be not transported with shows. Follow the order of nature, first to make the most of that you possess, before you seek to purchase more. To put the case by a private man (for I cannot speak high), if a man were born to an hundred pounds by the year, and one show him how with charge to purchase an hundred pounds more, and another should show him how without charge to raise that hundred pounds unto five hundred pounds, I should think the latter advice should be followed. The proverb is a country proverb, but significative, Milk the cow that standeth still; why follow you her that flieth away? Do not think, excellent Prince, that all the conquests you are to make be foreign. You

conquistar aqui em casa o crescimento imoderado de Seus próceres em facções, e as liberdades excessivas de Seu povo; a grande reverência e as convenções outorgadas a Suas leis e costumes, em detrimento de Suas prerrogativas absolutas. Estas e semelhantes conquistas são do Estado, não da guerra. Vossa Excelência precisa de um José, capaz de torná-lo, com seu conselho, o único proprietário de todas as terras e da riqueza de Seus súditos. Os meios para estender Sua soberania e para acumular tesouro e receitas: são estes os segredos de Seu Estado. Neles não entrarei neste momento. Desejo que Vossa Excelência esteja tão disposto a desejá-los, assim como tenho os meios prontos para realizá-los.

### **O quinto conselheiro, aconselhando a virtude e um governo benevolente**

Excelentíssimo Príncipe, ouvi diversos planos e proposições que lhe foram oferecidos distintamente; um, para torná-lo um grande príncipe, outro, para torná-lo um príncipe forte, e outro, para torná-lo um príncipe memorável, e um quarto, para torná-lo um príncipe absoluto. Mas não ouvi invenção alguma para torná-lo um príncipe bom e virtuoso, coisa que meus Senhores certamente deixaram de lado por discricção, para que derive de Seu próprio movimento e de Sua escolha. Isto eu deveria ter pensado, se não tivessem construído suas próprias proposições de modo tão elaborado e persuasivo, o que me assegura que seu discurso não era formal. Mas, Digníssimo Príncipe, a fama é tão ligeira, os ganhos e a segurança são tão baixos, e o poder, ou Vossa Alteza o

---

are to conquer here at home the overgrowing of your grandees in factions, and too great liberties of your people; the great reverence and formalities given to your laws and customs, in derogation of your absolute prerogatives: these and such-like be conquests of state, though not of war. You want a Joseph, that should by advice make you the only proprietor of all the lands and wealth of your subjects. The means how to strain up your sovereignty, and how to accumulate treasure and revenue, they are the secrets of your state; I will not enter into them at this place: I wish your Excellency as ready to [desire] them, as I have the means ready to perform them.

### **The Fifth Counsellor, advising him Virtue and a gracious Government**

Most excellent Prince, I have heard sundry plats and propositions offered unto you severally; one to make you a great Prince, another to make you a strong Prince, and another to make you a memorable Prince, and a fourth to make you an absolute Prince. But I hear of no invention to make you a good and a virtuous Prince; which surely my Lords have left out in discretion, as to arise of your own motion and choice; and so I should have thought, had they not handled their own propositions so artificially and persuadingly, as doth assure me their speech was not formal. But, most worthy Prince, fame is too light, and profit and surety are too low,



possui, ou não deve buscar possuí-lo. Ser digno de Seus súditos, realizar o tempo de ouro, tornar-se um pai natural para o Seu Estado: eis os únicos fins, apropriados e dignos, do virtuoso reino de Vossa Graça. Meus senhores lhe ensinaram a direcionar todas as coisas para si mesmo, a Sua grandeza, a Sua memória e Seus ganhos. Mas, a que coisa deve Vossa Excelência mesma ser direcionado? Se quiser ser divino, precisa ter influência. Quer ser como um lago que consome e retém dentro de si sua nascente, e que não tem riachos nem corrente para abençoar e tornar frutíferas extensões inteiras de campos por onde flui? Portanto, em primeiro lugar, virtuosíssimo príncipe, assegure-se de uma paz interna, para que as tempestades externas não perturbem nenhuma das reformas que realizar dentro de Seu Estado. Nisto, faça uso e prática de todas as manobras honrosas. Feito isso, visite todas as partes de Seu Estado, e deixe que o bálsamo de Suas mãos soberanas destile por toda parte, para remediar todos os que se lamentam. Começando com a sede de Seu Estado, atente-se para que os erros de Seus grandes não caiam sobre Vós mesmo; cuide para que Sua inteligência, que é a luz de Seu estado, não se apague ou brilhe turva ou sombria; favoreça homens virtuosos e não de mentes mercenárias; reprima toda facção que seja maligna ou violenta. Em seguida, olhe para o estado de Suas leis e para a justiça de Sua terra; expurgue a multiplicidade das leis, dê clareza ao que nelas é incerto, revogue aquelas que são capciosas e coloque em execução aquelas que são salutares e necessárias; defina a jurisdição de Seus tribunais, reprima todos os recursos e vexações, todas as dilações infundadas e todos os dispositivos e modificações fraudulentos, e reforme todos os abusos do direito e da justiça; dê assistência a Seus representantes,

---

and power is either such as you have or ought not so to seek to have. It is the meriting of your subjects, the making of golden times, the becoming of a natural parent to your state; these are the only [fit] and worthy ends of your Grace's virtuous reign. My Lords have taught you to refer all things to yourself, your greatness, memory, and advantage; but whereunto shall yourself be referred? If you will be heavenly you must have influence. Will you be as a standing pool that spendeth and choketh his spring within itself, and hath no streams nor current to bless and make fruitful whole tracts of countries whereby it runneth? Wherefore, first of all, most virtuous Prince, assure yourself of an inward peace, that the storms without do not disturb any of your repairers of state within. Therein use and practise all honourable diversions. That done, visit all the parts of your state, and let the balm distill everywhere from your sovereign hands, to the medicining of any part that complaineth. Beginning with your seat of state, take order that the faults of your great ones do not rebound upon yourself; have care that your intelligence, which is the light of your state, do not go out or burn dim or obscure; advance men of virtue and not of mercenary minds; repress all faction be it either malign or violent. Then look into the state of your laws and justice of your land; purge out multiplicity of laws, clear the uncertainty of them, repeal those that are snaring, and press the execution of those that are wholesome and necessary; define the jurisdiction of your courts, repress all suits and vexations, all causeless delays and fraudulent shifts and devices, and reform all such abuses of right and justice; assist the min-

puna severamente todas as extorsões e exações dos oficiais públicos, toda a corrupção nos julgamentos e nas sentenças dos tribunais. Ainda assim, quando tiver feito tudo isto, não pense que haja brida ou aguilhão que faça com que o cavalo marche sozinho, desacompanhado do tempo e do costume. Não confie Suas leis à correção dos tempos, mas ofereça todo apoio à boa educação; cuide do governo de Suas universidades e de todos os seminários da juventude, assim como à ordem privada das famílias, mantendo a devida obediência dos filhos para com seus pais, e a reverência dos mais jovens para com os mais velhos. Assim, quando tiver consolidado as partes nobres e vitais de Seu Estado, passe a cuidar do sangue, da carne e da boa disposição do corpo. Remedie todos os decréscimos da população, faça provisão para os pobres, remova todas as obstruções nos negócios e todos os cancos e causas de danos no comércio e nos ofícios; corrija tudo... Mas para onde corro, ultrapassando os limites do que talvez me fora solicitado? Perdoe-me, Excelentíssimo Príncipe, pois, se eu tivesse que louvar, para Vossa Excelência, a beleza de uma mulher sublime, não poderia expressá-la tão bem com palavras do que se lhe mostrasse seu retrato; assim, estimo que a melhor maneira de louvar um governo virtuoso seja descrever e fazer aparecer aquilo que é, mas meu lápis talvez lhe tire a graça. Portanto, deixo a cargo de Vossa Excelência compor o retrato a partir de Sua sábia observação e, então, copiá-lo e revelá-lo em Seu governo.

---

isters thereof, punish severely all extortions and exactions of officers, all corruptions in trials and sentences of judgement. Yet when you have done all this, think not that the bridle and spur will make the horse to go alone without time and custom. Trust not to your laws for correcting the times, but give all strength to good education; see to the government of your universities and all seminaries of youth, and to the private order of families, maintaining due obedience of children towards their parents, and reverence of the younger sort towards the ancient. Then when you have confirmed the noble and vital parts of your realm of state, proceed to take care of the blood and flesh and good habit of the body. Remedy all decays of population, make provision for the poor, remove all stops in traffic, and all cankers and causes of consumption in trades and mysteries; redress all -- But whither do I run, exceeding the bounds of that perhaps I am not demanded? But pardon me, most excellent Prince, for as if I should commend unto your Excellency the beauty of some excellent Lady, I could not so well express it with relation as if I showed you her picture; so I esteem the best way to commend a virtuous government, to describe and make appear what it is; but my pencil perhaps disgraceth it; therefore I leave it to your Excellency to take the picture out of your wise observation, and then to double it and express it in your government.

### **Sexto Conselheiro, exortando aos passatempos e ao desporto**

Quando ouvi, excelentíssimo príncipe, meus três primeiros Senhores, tão cuidadosos para com o perpetuar de Sua fama e memória, comigo pensei que era como se um homem chegasse a algum jovem príncipe como é Vossa Excelência e, imediatamente após Sua coroação, com ele acordasse para que lhe fizesse um túmulo suntuoso e imponente. E, para falar do fundo de minha alma, pondero como possa ser possível que um sequer de Seus servos suporte contemplá-lo como a um príncipe do passado. Quanto a meus outros Senhores, que gostariam de empenhá-lo tão profundamente nos assuntos de Estado, um, a persuadi-lo a uma forma mais absoluta, o outro, a um governo mais benevolente, asseguro a Vossa Excelência que suas lições foram muito inconvenientes, como se quisessem transformá-lo no rei de uma peça, o qual, embora transmitisse a impressão de estar em grande majestade e ventura, estivesse em dificuldades para dizer a sua parte. O quê! Nada além de incumbências, nada além de dias de trabalho? Nenhum banquete, nenhuma música, nenhuma dança, nenhum espetáculo, nenhuma comédia, nenhum amor, nenhuma mulher? Deixe que os outros homens vivam como peregrinos, porque estão atados a diversas necessidades e obrigações; mas as vidas dos príncipes são como jornadas dedicadas apenas ao divertimento e ao repouso. É como se, numa noite de verão, Vossa Excelência se servisse de Seu barco, ou Seu cavalo, ou Sua carruagem, para tomar um pouco de ar, e desejasse fazer a alguém o favor de Sua visita. Contudo, Seu prazer é o que há de mais importante, seja ele como for. Assim, se alguma das

---

### **The Sixth Counsellor, persuading Pastimes and Sports**

When I heard, most excellent Prince, the three first of my Lords so careful to continue your fame and memory, methought it was as if a man should come to some young prince as yourself is, and immediately after his coronation be in hand with him to make himself a sumptuous and stately tomb. And, to speak out of my soul, I muse how any of your servants can once endure to think of you as of a prince past. And for my other Lords, who would engage you as deeply in matters of state, the one persuading you to a more absolute, the other to a more gracious government, I assure your Excellency their lessons were so cumbersome, as if they mould make you a king in a play, who, when one could think he standeth in great majesty and felicity, he is troubled to say his part. What! nothing but tasks, nothing hut working-days? No feasting, no music, no dancing, no triumphs, no comedies, no love, no ladies? Let other men's lives be as pilgrimages, because they are tied to divers necessities and duties; but princes' lives are as progresses, dedicated only to variety and solace. And [as] if sour Excellency should take your barge in a summer evening, or your horse or chariot, to take the air; and if you should do any the favour to visit him; yet your pleasure is the principal, and that is but

questões que foram discutidas se apresentar no caminho de Seu prazer, pode ser levada em consideração, mas não o contrário. Portanto, deixe as guerras para Seus tenentes, as obras e edifícios para os inspetores, os livros para as Suas universidades, e os assuntos de Estado para os Seus conselheiros, e atenda em pessoa o que não pode executar por delegação. Aproveite a vantagem de Sua juventude. Não seja soturno com Sua fortuna. Faça de Seu prazer a distinção de Suas honras, o estudo de Seus favoritos, a conversa de Seu povo e a fascinação de todos os galantes estrangeiros por Sua Corte. Em uma palavra, doce soberano, dispense Seus cinco conselheiros, e tome conselho apenas com os Seus cinco sentidos.

Mas, se um homem seguir seus cinco sentidos – disse o príncipe – vejo que, uma vez ou outra, ele poderá seguir sua Senhoria de modo inconveniente. Sua Senhoria é um homem de conselho muito vivo e agradável. Embora possa haver quem não esteja disposto a segui-lo, ainda assim, o conselho é apropriado para o momento e para o nosso próprio humor, que às vezes se inclina para o deleite e a alegria. Pois um príncipe deve ter o espírito jovial e cortês, não austero, sisudo e estóico; e depois de assuntos sérios, deve admitir o passatempo e os prazeres, como os molhos para a carne dos melhores pratos.

---

as it falleth out; so if any of these matters which have been spoken of fall out in the way of your pleasure, it may be taken, but no otherwise. And therefore leave your wars to your lieutenants, and your works and buildings to your surveyors, and your books to your universities, and your state-matters to your counsellors, and attend you that in person which you cannot execute by deputy: use the advantage of your youth: be not sullen to your fortune; make your pleasure the distinction of your honours, the study of your favourites, the talk of your people, and the allurements of all foreign gallants to your Court. And in a word, sweet sovereign, dismiss your five counsellors, and only take counsel of your five senses.

“But if a Man should follow your five Senses (said the Prince) I perceive he might follow your Lordship, now and then, into an inconvenience. Your Lordship is a man of a very lively and pleasant advice; which though one should not be forward to follow, yet it fitteth the time, and what our own humour inclined oftentimes to, delight and merriment. For a Prince should be of a chearful and pleasant spirit; not austere, hard-fronted and stoical; but after serious affairs, admitting recreation, and using pleasures, as sauces for meats of better nourishment”.

## **A resposta do príncipe e a conclusão dos discursos dos conselheiros**

Meus senhores,

Nós vos agradecemos por vossas boas opiniões, que foram tão bem apresentadas, pelo que nos consideraríamos indignos de um bom conselho se, diante de uma variedade tão grande de razões persuasivas, nos decidíssemos às pressas. Entrementes, não será impróprio fazer escolha dessa última e, depois, de forma mais ponderada, examinar as restantes. E o tempo que despendermos em longa consulta, no fim recuperaremos pela execução pontual e diligente.

---

## **The Prince's Answer and Conclusion to the Speeches of the Counsellors**

My Lords,

We thank you for your good opinions; which have been so well set forth, as We should think Ourselves not capable of good Counsel, if, in so great variety of persuading reasons, we should suddenly resolve. Meanwhile, it shall not be amiss to make choice of the last, and upon more deliberation to determine of the rest; and what time we spend in long consulting, in the end we will gain by prompt and speedy executing.

## **Referências bibliográficas**

- BACON, Francis. *Il parto maschio del tempo*. A cura di Paolo Rossi. Torino: Editrice Torinese, 1975
- BACON, Francis. *The Major Works*. Ed. Brian Vickers. New York: Oxford University Press, 2002
- BACON, Francis. *The Works of Francis Bacon*. SPEDDING, J., ELLIS, R. & HEATH, D. (ed.). 14 vols. London: Longman, 1857-74.
- KANTOROWICZ, Ernst H. *Os Dois Corpos do Rei – Um estudo sobre teologia política medieval*. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- KOCHER, Paul H. “Francis Bacon and his Father”, *Huntington Library Quarterly*, vol. 21, nº 2 (Fev., 1958)
- MAQUIAVEL. *O Príncipe*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- MORETTI, Masino Glauro. *Machiavelli e Franscesco Bacone – L’accesso alla modernità*. Roma: Edizioni Studium, 2011
- PELTONEN, Markku. “Introduction” in PELTONEN, Markku (org.). *The Cambridge Companion to Bacon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- ROSSI, Paolo. *Francis Bacon: da magia à ciência*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini Londrina: Edue, Curitiba: Editora da UFPR, 2006.

- SARGENT, Rose-Mary. “Bacon as an Advocate for Cooperative Scientific Research” in PELTONEN, Markku (org.). *The Cambridge Companion to Bacon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- SKINNER, Quentin. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*. Trad. Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- SPURGEON, Caroline. “The Use of Imagery by Shakespeare and Bacon”, *The Review of English Studies*, Vol. 9, No. 36 (Oct., 1933).
- SUMMIT, Jennifer. “ ‘Cogitation against Libraries’: Bacon, the Bodleian, and the Weight of the Medieval Past” in *Memory’s Library: Medieval Books in Early Modern England*. Chicago: The University of Chicago Press, 2008.